

Cadernos Didáticos de Educação Patrimonial para o Turismo Cultural em Comunidades Quilombolas

Martha Shauana B. Santana
Maria José de Resende Ferreira
Aldo Rezende



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S232c Santana, Martha Shauana Batista.

Cadernos didáticos de educação patrimonial para o turismo cultural em comunidades quilombolas [recurso eletrônico] : caderno 3 : educação patrimonial no turismo cultural em comunidades quilombolas / Martha Shauana Batista Santana, Maria José de Resende Ferreira, Aldo Rezende. – 1. ed. – Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2021.

28 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-00-36000-4 (E-book)

1. Educação de adultos. 2. Ensino profissional. 3. Relações étnicos-raciais – Educação. 4. Quilombolas – Espírito Santo. 5. Guias de turismo – Educação – Estudo e ensino. 6. Professores – Formação. I. Ferreira, Maria José de Resende. II. Rezende, Aldo. III. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título.

CDD 21 – 374

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

CADERNO

3

Educação
Patrimonial no
Turismo Cultural
em Comunidades
Quilombolas

APRESENTAÇÃO

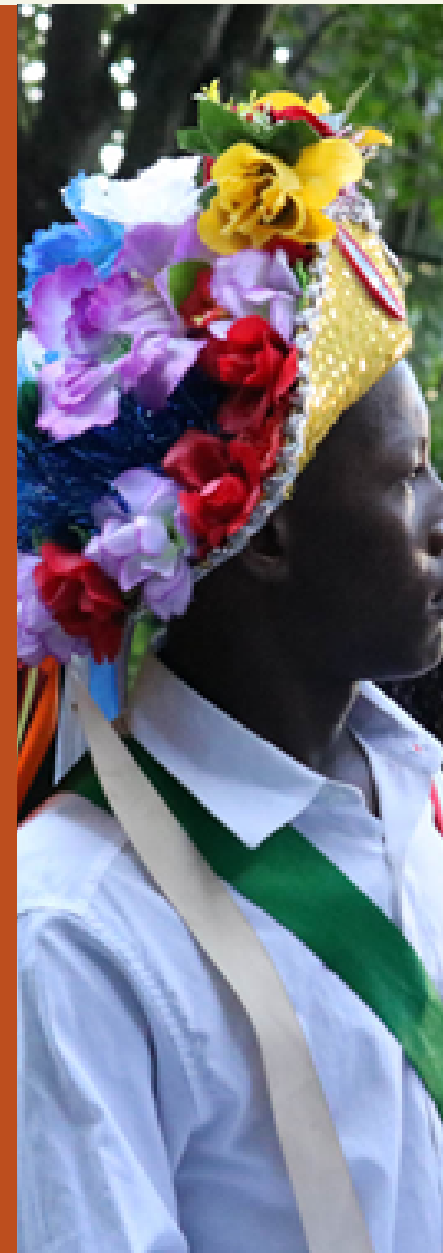
Caro usuário, este caderno didático é um produto educacional, fruto de uma pesquisa resultante do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo - ProfEPT intitulada: Formação humana e educação patrimonial na EJA Integrada: proposições para a atuação profissional de jovens e adultos nas atividades de guiamento e de informações turísticas em territórios quilombolas do Espírito Santo.

O objetivo deste material é auxiliar professores, estudantes e egressos do curso de Guia em Turismo do Proeja e do curso de formação inicial de Agentes de Informações Turísticas no estudo e pesquisa da Educação Patrimonial para o desenvolvimento do turismo cultural em comunidades quilombolas do Espírito Santo.

O material foi elaborado sob a forma de cadernos tanto por entendermos que este recurso didático deve estar aberto à interação com os estudantes, professores e outros profissionais interessados que dele venham a se apropriar e adequar suas informações às suas necessidades pesquisa, quanto para facilitar a sua aplicação que pode se dar de forma modular, podendo cada módulo do caderno ser utilizado em diversos contextos separadamente.

No caderno 1 temos a apresentação do Turismo Cultural e da função educativa do Guia em Turismo e Agentes de Informações Turísticas para a Educação Patrimonial. O caderno 2 traz os conceitos fundamentais relativos ao Patrimônio Cultural e à Educação Patrimonial. O caderno 3 expõe as questões próprias da abordagem de comunidades quilombolas por guias de turismo e agentes de informações turísticas que pretendam desenvolver um trabalho de educação patrimonial para o turismo cultural.

Com esta publicação pretendemos contribuir para a construção desse conhecimento e para potencializar o turismo cultural no Espírito Santo.



SUMÁRIO

1. O que é um quilombo?.....	06
2. Como se Formaram os territórios quilombolas capixabas? 09	
3. De que forma a Educação Patrimonial pode contribuir para o desenvolvimento de atividades turísticas em comunidades quilombolas?.....	12
4. Como interpretar o patrimônio de comunidades quilombolas e construir narrativas históricas no âmbito da atividade turística?	17
5. Quais as Especificidades do patrimônio cultural quilombola?.....	20
6. Sintetizando	25
7. Expandindo.....	26
8. Refletindo.....	27
9. Referências bibliográficas.....	28



Se plante!!!

Que suas raízes se aprofundem
no verdadeiro conhecimento!

Ao estudante e profissional de turismo, que você trilhe o caminho necessário para transpor as barreiras que dificultam ainda a aproximação entre as culturas.

Que o seu fazer conduza encontros de entendimento entre os povos!



Fonte: <<https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-das-culturas-africanas/>>

1.0 que é um quilombo?

Você já deve ter estudado algo ou ouvido falar sobre o **Quilombo dos Palmares**. Um grande quilombo que existiu no estado de Alagoas e chegou a reunir em torno de 20 mil pessoas. Palmares, um dos grandes símbolos da resistência dos povos escravizados, foi liderado por Ganga Zumba e depois por Zumbi, assassinado em uma emboscada na guerra contra os portugueses.

No período colonial o Conselho Ultramarino definiu **quilombo** como

"toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele"

(SCHMITT, TURATTI, CARVALHO, 2002, p. 2).

Desde o período colonial, quando se fala em quilombo pensa-se em fuga e isolamento, lugar de "negro fujão". Contudo, apesar de muitos quilombos terem se formado dessa maneira, fuga e isolamento não definem o que é um quilombo. Em primeiro lugar, grande parte dos quilombos mantinha relações comerciais com os núcleos urbanos e com as fazendas monocultoras, eles abasteciam esses espaços com a sua produção de alimentos.

Isso mesmo que você está pensando, os quilombolas não viviam tão escondidos assim, pois em geral eles vendiam a sua produção nas cidades e para os fazendeiros locais!

Em segundo lugar, além da fuga de pessoas escravizadas, alguns negros tiveram, por parte do Estado, acesso à terras por prestação de serviços de guerra; outros por doações de terra senhoriais, outros tiveram acesso à terra devido a desagregação das grandes propriedades fundiárias monocultoras e escravistas (em períodos de decadência econômica terras eram abandonadas, em alguns casos proprietários faleciam e a herança não era reivindicada, algumas fazendas eram abandonadas pelos senhores etc.), sobretudo no final do século XIX com o desenrolar do processo abolicionista. Dessa forma, um quilombo podia se formar por herança, doações, recebimentos de serviços prestados, compra de terra ou ocupações de terras abandonadas.

Veja o caso do quilombo do Negro Rugério::

Conta-se que Negro Rugério havia se rebelado contra o cativo e, já no último quartel do século XIX, se refugiara nesta localidade junto de um grupo de negros escravizados, onde fundara um quilombo. Como era um dos melhores produtores de farinha de mandioca na fazenda de Rita Maria Conceição Cunha, a fazendeira teria lhe procurado a fim de propor um acordo: em troca da proteção que lhe ofereceria em suas terras, Negro Rugério produziria a farinha para a fazendeira. A localidade de Sant'Anna também é servida pelo Córrego São Domingos, a jusante do Engenho, o que facilitava o escoamento da produção da farinha em canoas até o rio Cricaré, já próximo ao porto da Barra de São Mateus (a partir de 1891, Conceição da Barra). O local onde se estabeleceu o Quilombo do Negro Rugério e sua forte produção de farinha de mandioca é também conhecido como Morro, a mesma denominação dada a uma localidade na comunidade de Linharinho: a terra de Manoel dos Santos – o finado “Tiduca” -, onde se encontra uma grande farinheira, totalmente mecanizada e que tem a maior produtividade de todo o Sapê do Norte. O Morro do Linharinho aparece, então, como herança direta do Morro de Sant'Anna (FERREIRA, 2009, p. 59)

Neste caso, o quilombo se formou dentro do território de uma fazenda escravocrata e sob a proteção da senhora das terras em sociedade com ela na produção da farinha.

Então se um quilombo não é caracterizado pela fuga, nem pelo isolamento, o que define um quilombo?

O que caracteriza o quilombo é a sua autonomia frente ao sistema escravista, o modo de organização social próprio, como espaço de liberdade e de resistência do negro frente ao modelo social, econômico e político vigente. Os quilombos foram e são comunidades em que os negros constroem o seu modo de vida, sua cultura, estabelecem territórios geridos pelo trabalho familiar, onde lutam contra a opressão.



Fonte: <<https://www.es.gov.br/Noticia/comunidade-quilombola-de-montanha-recebe-kit-farinheira-da-aderes>>

A Farinha foi o principal produto econômico do Espírito Santo durante o século XIX e em grande parte era produzida nos quilombos.

Fonte: <<https://www.espiritosantonoticias.com.br/itapemirim-incentiva-produtores-de-farinha-e-tapioca-a-se-adequarem-para-receberem-alvara-sanitario/>>

Você conhece alguma casa de farinha?

Conhecida também como **farinheira**

Esse local pode ser um atrativo de visitação turística!

Você sabia que muitas comunidades quilombolas possuem verdadeiras fábricas artesanais de produ o de g neros alimentícios derivados da mandioca?



2. Como se formaram os territórios quilombolas capixabas?

Existem informações sobre a formação de quilombos no Espírito Santo a partir do século XIX, espalhando-se por todo o território capixaba. A formação das comunidades quilombolas capixabas ocorreu tanto por fugas de pessoas negras escravizadas, quanto por recebimento de heranças das antigas fazendas escravistas, por doações, compras de terras e por ocupações de territórios abandonados ou terras devolutas após a abolição.

De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, no Espírito Santo, as seguintes comunidades abriram processos para reconhecimento e regularização territorial como comunidades quilombolas:

COMUNIDADE	MUNICÍPIO
São Jorge	São Mateus
São Domingos	Conceição da Barra e São Mateus
Coxi	São Mateus
Angelim I	Conceição da Barra
Angelim II	Conceição da Barra
Angelim III	Conceição da Barra
Angelim do Meio (DISA)	Conceição da Barra
Roda d'Água	Conceição da Barra
Morro da Onça	Conceição da Barra
Porto Grande	Conceição da Barra

Córrego do Alexandre	Conceição da Barra
Linharinho	Conceição da Barra
Serraria e São Cristóvão	São Mateus
Monte Alegre	Cachoeiro de Itapemirim
Retiro	Santa Leopoldina
São Pedro	Ibiraçu
São Jorge e Sítio Vala Grande	São Mateus
Córrego do Chiado	São Mateus
Córrego do Macuco	Conceição da Barra
Pedra Branca	Vargem Alta
Degredo	Linhares

Dessas, as comunidades plenamente reconhecidas até o momento foram: São Pedro, Monte Alegre, São Jorge e Serraria e São Cristóvão. As demais encontram-se em outras fases da elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID).

Você conhece alguma dessas comunidades ou alguma outra que não esteja listada aqui?

Se conhece, relate o que sabe sobre ela, onde se localiza, como vivem os moradores bem como outras informações que você acreditar que seja interessante compartilhar.

Um número maior de comunidades se concentra no Norte do Espírito Santo, pois com a descoberta do ouro em Minas Gerais essa região concentrou a produção de alimentos, sobretudo de farinha, para o abastecimento da região mineradora, enquanto o restante da capitania entrou em declínio econômico, isto fez com que essa região tivesse um elevado número de escravizados. Por outro lado, no final do século XIX, as grandes fazendas da Região Norte entraram em decadência, algumas terras foram abandonadas, terrenos foram doados aos negros ao longo do processo abolicionista, isso facilitou a formação de comunidades rurais negras que permaneceram ocupando espaços nas antigas fazendas escravistas da região.

Nas décadas de 1950 e 1960 a política do Estado de incentivo à implantação de madeireiras e, posteriormente, de empresas produtoras de celulose na região, começou a reduzir os espaços das comunidades e a gerar conflitos pela posse de terras.

Você já ouviu alguma notícia sobre os conflitos entre as empresas de celulose e a população quilombola no Espírito Santo? O que sabe sobre isso? Relate aqui algum acontecimento que você conhece e gostaria de compartilhar.

A palavra sapê é o nome da vegetação rasteira que recobre a terra na região Norte do Espírito Santo e após períodos de seca ela sempre rebrota. Os moradores locais deram o nome da vegetação a toda a região. O que você acha que a população nativa quis significar com a expressão Sapê do Norte?



Fonte: <Fonte: <http://conaq.org.br/noticias/nota-de-esclarecimento-territorios-quilombolas-do-sape-do-norte-retomada-legitima-x-ocupacoes-indevidas/>>

3. De que forma a Educação Patrimonial pode contribuir para o desenvolvimento de atividades turísticas em comunidades quilombolas?

No caderno 2 informamos que o trabalho de Educação Patrimonial com a comunidade receptora inicia-se pelo envolvimento da comunidade em todo o processo de implementação da atividade turística. Isso significa dizer, primeiramente, que ao invés de implementar um turismo de massas gerido por empresas que se apropriarão dos bens culturais para a comercialização, deve-se optar pelo turismo de base comunitária, que será gerido pela própria comunidade, a qual encaminhará o processo de abertura para a visitação turística.

Isso porque ao decidir abrir-se para o fluxo de turistas, a comunidade altera a sua rotina e expõe a sua própria vida, tornando-se personagem de um público expectador. Faz parte do processo de apropriação do patrimônio pela comunidade o poder de decisão sobre o que será apresentado ou não a esse público, de que forma será apresentado e o que será reservado à intimidade de quem pertence ao local. Desse modo, minimizam-se os impactos socioculturais da atividade turística, respeitando-se o lugar da comunidade.

Tomado esse cuidado inicial, vejamos alguns passos que podem ser aplicados na introdução do turismo cultural a partir de um trabalho de Educação Patrimonial:

A) Identificação do patrimônio:

A implementação de qualquer atividade de turismo começa com a identificação dos atrativos e elaboração dos roteiros e serviços a serem disponibilizados aos visitantes. No caso do turismo cultural, isso se inicia com a identificação dos bens culturais e patrimônios locais que serão os atrativos do lugar. Essa identificação deve ser conduzida numa perspec

tiva de permitir não apenas a identificação de bens para o desenvolvimento de atividades turísticas, como principalmente a identificação de bens para a própria comunidade conhecer, compreender, fortalecer a sua identidade e o sentimento de pertencimento.

A identificação do patrimônio deve ser feita com a efetiva participação da comunidade e para isso é recomendável a realização de oficinas ou rodas de diálogo em que os membros da comunidade tenham a oportunidade de refletir sobre o seu patrimônio, pois é comum que os próprios cidadãos, às vezes, não reconheçam e, por conseguinte, não valorizem os seus bens culturais.

Nas comunidades quilombolas, o quilombo como um todo é um sítio histórico e pode ser tomado como um complexo para visitação. Pode-se apresentar: sua paisagem, o conjunto arquitet nico, a disposição das casas, os materiais empregados, objetos, assim como a dinâmica da vida da comunidade, sua relação com a terra, a produção local, a distribuição do território, costumes da população, crenças, histórias, linguagem, etc.

Nesse sentido, algumas perguntas podem auxiliar no processo de identificação, na interpretação e elaboração de narrativas que conduzirão os turistas no momento da visitação. Assim temos, por exemplo, perguntas sobre:

- **Ocupa o do espaço** - como as pessoas chegaram ali? Como se deu a ocupa o e consolida o do processo de ocupa o do território? Quais as marcas do passado histórico presentes no território e na memória dos quilombolas? Que mudanças aconteceram nesse lugar ao longo do tempo e por qu ? Há espaços coletivos? Como   a distribuição geográfica do espaço? Como são as habita es? Como são as constru es individuais? Como   a arquitetura? Elas obedecem um padrão europeu? Há alguma rela o com costumes africanos ou indígenas? As constru es todas no mesmo estilo? São da mesma época? Quais foram as técnicas e materiais de constru o empregados? Como o clima, a fauna e a flora da região estão relacionados com o modo de vida das pessoas da comunidade?
- **Organiza o social e cotidiano** - Como as tarefas são divididas? Do que as pessoas vivem? Há eventos? Há momentos de lazer? Festas? Danças? Há escolas? Que rela o estabelecem com a natureza? Como   o uso do solo? Como cuidam da casa? Da higiene doméstica? Da higiene do corpo? Como cuidam dos filhos e dos idosos? Qual a rela o entre as gera es? Qual o papel de cada membro familiar? Como   o ritual de nascimento e morte? Existem práticas de cura e de benzimento? Como   o acesso   educa o, saúde, saneamento, esportes, lazer, trabalho, etc.
- **Linguagem** - há algum vocabulário t pico? G rias? Há no sotaque ou no modo de falar algum diferencial?

- **Alimentação** - do que as pessoas se alimentam? Qual é a rotina de alimentação? Horários, local, se juntos ou não, se em casa ou não, se há um espaço próprio ou não, se comem em pratos ou não, se comem com talheres, quais talheres? Se bebem, quais bebidas? Preparam as comidas e bebidas? De que forma? Plantam o que comem? Há algum ritual para o plantio e a colheita? Há pratos típicos? Receitas de família?
- **Levantamento de fotografias, recordações** - A comunidade mudou com o passar do tempo? Como eram os casamentos? As festas? Batizados? Quais datas são comemoradas?
- **Objetos** - A quem pertenceu? Qual o material de fabricação? Qual a origem? Formato? Como era utilizado?
- **Eventos** - Quais são os momentos comemorativos da comunidade? O que é celebrado? Que rituais são realizados? A partir de quando se iniciou essa tradição? Qual o significado para os envolvidos?

Todas estas questões ajudam a identificar e a analisar o patrimônio da comunidade caracterizando seus costumes e tradições. Ao pensar sobre esses assuntos a própria comunidade pode refletir sobre suas origens e história.



Fonte: <<https://itaunas.org.br/quilombola-linharinho>>

Comunidade Quilombola Linharinho



Fonte: <<https://itaunas.org.br/quilombola-linharinho>>

C) Levantamento de histórias locais

Grande parte do patrimônio das comunidades quilombolas consiste nas histórias contadas de geração em geração que não estão registradas e se bem trabalhadas podem se transformar em um dos grandes atrativos do lugar. É possível a criação de espaços de memória, momentos para a contação de histórias, teatralização. Na identificação do patrimônio histórico do lugar é importante reservar um espaço significativo para o levantamento de histórias, contos, causos e lendas contados por moradores. Incentivar a narrativa dos moradores e valorizar a sua memória, o seu passado é empoderar a população para que esta possa protagonizar a representação de si mesma no seu espaço.

B) Elaboração de roteiros

O processo de roteirização faz com que os atrativos do lugar se tornem atrativos a serem visitados. Nesse momento, é importante pensar não somente no ganho financeiro que a comunidade pode ter, mas também nos impactos que o fluxo de turistas pode provocar na rotina da comunidade e na própria cultura do local. É preciso pensar no público que a comunidade deseja atrair de modo a preservar os seus valores para que a atividade turística possa auxiliar na preservação e promoção da cultura.



Fonte: <<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-da-consciencia-negra.htm>>

4. Como interpretar o patrimônio de comunidades quilombolas e construir narrativas históricas no âmbito da atividade turística?

O guia de turístico e o agente de informações turísticas são os responsáveis por estabelecer a mediação entre a comunidade receptora e os turistas. O guia de turismo elabora os roteiros, os folhetos, convida ao conhecimento dos atrativos. Assim como o agente de informações turísticas, o guia de turismo será o narrador que contará as histórias da comunidade e passará para o visitante o contexto relativo aos atrativos que serão visitados. Numa perspectiva de Educação Patrimonial, a narrativa turística deve ser pensada não apenas como estratégia de marketing, ela deve ser historicamente referenciada e possuir um compromisso ético-político com a comunidade.

Ao contarmos uma história passamos adiante uma **memória** do passado que será gravada para as futuras gerações. Junto com as histórias são passadas também as dores, os traumas, os sofrimentos, assim como as lutas, as superações e as vitórias.

Para o sujeito que sofre um trauma a lembrança do acontecimento gera um reviver do trauma e o reforça. No caso das comunidades quilombolas, existe um trauma coletivo da escravidão que pode ser revivido e reforçado no inconsciente coletivo cada vez que a história do cativo é recontada.

Por isso é importante o cuidado com a narrativa histórica, para não criar ou reforçar para os sujeitos herdeiros dessa história uma identidade de inferioridade e submissão, e também para não levar para os turistas compreensões destorcidas, vulgarizadas ou folclorizadas dos indivíduos da comunidade quilombola.

O discurso é um instrumento que pode ser utilizado para a dominação e também para a libertação. Pelo discurso criou-se a ideologia da supremacia branca, pelo discurso questionou-se a humanidade dos negros. A repetição do discurso gera a repetição da violência. Você já viu cenas de pessoas sendo atacadas por discursos racistas?

Também estamos contribuindo para a dominação, por exemplo, quando reproduzimos bordões do tipo: “tudo acaba em pizza”. Quando se diz que tudo é e sempre foi assim, como se não houvesse mudanças no tempo, como se toda a luta dos negros fosse inglória, como se o presente e o passado da população negra fosse tão somente a mesma continuidade de sofrimento e escravização. A repetição dessas ideias gera a crença de que nada pode ser feito, de que nada pode ser diferente do que é. Isso impede que atitudes de mudança sejam tomadas. Nada pior do que o sentimento de impossibilidade, não é mesmo?

Ao contrário, o discurso também pode promover superações de traumas, adoção de novas posturas. Imagine, por exemplo, como é para uma menina negra assistir filmes e novelas onde todas as meninas negras são escravizadas, empregadas domésticas, etc. Um dia ela assiste uma história em que uma negra é uma princesa, nesse instante ela passa a se enxergar de um novo jeito, é libertador para essa criança descobrir que existiram também princesas negras e não somente escravas negras. Ela se sente capaz de ocupar um lugar na sociedade que antes ela só via ser ocupado por pessoas brancas, sua imagem é então valorizada. Do mesmo modo, é engrandecedor para um negro saber que o fim da escravidão não foi um benefício concedido por políticos brancos, mas uma conquista adquirida por diversas formas de luta e resistência dos negros.

As histórias têm o poder de criar identidades positivas ou negativas, elas são a memória de um povo. A memória não está paralisada no tempo, ela é modificada de acordo com o presente que traz novas referências para compor a narrativa do passado. Assim, por exemplo, um estudante trabalhador após se dedicar um ano inteiro aos estudos para o vestibular e não conseguir a aprovação pode lembrar desse período com dor, como sacrifício em vão, mas no ano seguinte, ao obter a aprovação, ele terá a memória do período de estudo transformada em uma lembrança de luta recompensada.

Hoje devemos ter o compromisso de transmitir memórias valorizadoras da cultura negra, trabalhar as histórias das comunidades quilombolas de modo a reforçar identidades positivas das pessoas e do lugar.

A narrativa turística complementa as informações visíveis com o conteúdo invisível do lugar, preenche o lugar de histórias, de sentidos e significados que o simples olhar pelo espaço não pode captar. Ela constrói a identidade do lugar e ordena o espaço, proporciona um mergulho na subjetividade. Por isso os profissionais do turismo devem utilizar a sua fala não somente para prender a atenção do visitante e estimular a sua curiosidade. É preciso assumir compromisso ético-político de adotar uma postura de respeito e valorização da história e da memória dos territórios quilombolas.

5. Quais as Especificidades do patrimônio cultural quilombola?

Os territórios quilombolas são territórios negros e como tal, compartilham da cultura afro-brasileira podendo possuir características comuns. Contudo, a identidade cultural está em permanente transformação, e as práticas culturais vão se reinventando e sendo alteradas com o passar do tempo e em novos espaços. Portanto, vamos estudar algumas características culturais dos povos afro-brasileiros, em especial os quilombolas capixabas como base para futuros trabalhos de identificação e interpretação de seus patrimônios culturais a serem narrados, apresentados de forma respeitosa e solidária por profissionais do turismo, conscientes da diversidade com que a cultura pode se manifestar.

Terra de preto

*E levanta o João pra mais um dia trabalhar
O galo ainda não cantou, mas lá vai ele pelear,
Solta as criação pra pastar, mata a dentro vaga a caçar,
Colhe o milho, raspa a mandioca, de tarde fazer farinha com a vizinhança e a tapioca fininha pro jantar
O galo ainda não cantou e levanta novamente o João a trabalhar
Hoje é dia de mutirão, vamo aumentar o barracão que o neném do Joaquim tá pra chegar
E não se pode atrasar a empreitada, todo mundo bate em retirada na madrugada mesmo com a chuva fininha
De tarde tem feijoada, pra compensar, tudo termina em farra e o ajuntamento é só alegria!
E levanta João que hoje é dia de festejar! Tem festa pra São Benedito, chapéu enfeitado de fita e todo povo sorri a bailar!*

Fonte: Produzido pela autora em 2021.

Esse poema ilustra um pouco o modo de vida em uma comunidade quilombola. Em primeiro lugar, destacamos que o quilombo é também uma forma de organização territorial e de distribuição espacial diferente da que se convencionou no sistema capitalista de produção. Em geral o sistema de produção agrícola é familiar, de subsistência, a terra não é propriedade individual, pertence às famílias e à comunidade que dela sobrevive, não é objeto de especulação imobiliária. A terra é vista em seu valor de uso, não de troca. Na maioria das vezes, a comunidade se auxilia num sistema de solidariedade entre as famílias, trabalhando em regimes de mutirões para serviços de grande monta como produção de farinha, roçado, erguer casas etc. Os laços entre as famílias são reforçados através de casamentos e compadrios.

As festas, como o texto deixa claro, em geral possuem alguma dimensão religiosa. Nas culturas de origem africana geralmente não existe separação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Assim, na cultura afro-brasileira a questão religiosa está presente em todos os aspectos da vida: festas, arte, dança, vida social, relação com a natureza, práticas de cura etc. As festas mais comuns entre os quilombolas no Espírito Santo são o Jongo ou Caxambu, o Congo e o Ticumbi. São festas nas quais o sagrado se confunde com o profano.

Ritual de origem Bantu, o nome Jongo se refere às cantigas e pontos entoadas durante o ritual e o nome Caxambu refere-se ao tambor utilizado pelos jongueiros, assim dá-se o nome de rodas de Jongo ou rodas de Caxambu. O ritual acontece em um círculo em sentido anti-horário ao som de tambor, ganzá ou reco-reco, manifestação de entidades religiosas africanas, os jongueiros dançam e cantam "de forma poética e desafiadora às diversas situações sociais vividas pelas comunidades" (MACIEL, 2016, p.204).



Roda de
Jongo-Caxambu

Os bailes de Congo geralmente são realizados em homenagem a São Benedito, outra devoção encontrada nas bandas de Congo do Espírito Santo é à Nossa Senhora da Penha. Há um baile de Congo específico do Espírito Santo chamado Ticumbi, que ocorre em Itaúnas e Conceição da Barra.

Veja o relato de Cleber Maciel sobre o Congo:

O baile dos congos é um ritual que representa uma guerra entre o Rei de Congo e o Rei de Bamba e seus secretários ou embaixadores, que portam espadas no decorrer do ritual. A guerra acontece porque o Rei do Congo, por ter se convertido ao catolicismo, se considera o dono da festa para São Benedito e não aceita que o Rei de Bamba, classificado como pagão, seja digno para fazer a festa. A guerra sempre termina com a vitória do Rei do Congo sobre o Rei de Bamba, que é interpretado e atualizado como os inimigos da cultura negra e os expropriadores dos territórios das comunidades quilombolas, como observei no discurso do Rei do Congo na festa realizada em 1 de janeiro de 2010.



<https://sitebarra.com.br/v5/2013/03/mais-de-r-8-milhoes-em-editais-de-incentivo-a-cultura.html>

*O culpado são vocês
Que a grande floresta plantou
De cana-de-açúcar e eucalipto
E os quilombolas da terra expulsou
E vocês vão morrer de fome
Ou comer erva daninha
Porque raiz de cana-de-açúcar
E nem de eucalipto
Não serve pra fazer farinha
E tampouco criar gado,
Porco e nem muito menos galinha*



<https://sitebarra.com.br/v5/2013/03/mais-de-r-8-milhoes-em-editais-de-incentivo-a-cultura.html>

As festas dos integrantes das comunidades negras e quilombolas do norte do Espírito Santo, conforme verifiquei na pesquisa documental e na memória de seus integrantes, desde a segunda metade do século XIX, têm sido apropriadas pelos agrupamentos organizadores das festas como meio de mobilização política em favor da autonomia e dos ideais de liberdade.

Os discursos dos principais agentes da festa são de denúncias contra aqueles empreendimentos que continuam cometendo injustiças contra as comunidades quilombolas (MACIEL, 2016, p. 217-218).



Fonte: <<https://poraidicasdeviagem.wordpress.com/2019/02/15/festa-de-yemanja-e-tradicao-na-praia-de-camburi/>>

No Brasil, as principais religiões de matriz africana são o Candomblé e a Umbanda, ambas são religiões brasileiras nascidas da miscigenação cultural. O Candomblé é fruto da fusão de diversas etnias africanas que conviviam juntas nas senzalas, cada uma trazendo o culto ao seu orixá, tendo que disfarçar a devoção e prática religiosa mesclando a elementos da fé católica. A Umbanda é uma religião que surgiu em 1908 e funde elementos do kardecismo com candomblé e catolicismo.

Uma religião afro-brasileira típica do Espírito Santo que esteve muito presente nos territórios quilombolas foi a Cabula, com a repressão da Igreja Católica, a Cabula foi praticamente extinta e a partir dela se criaram a Mesa de Santa Maria e a Mesa de Santa Bárbara.

A Cabula era um ritual religioso de origem africana que acontecia à noite, em meio à floresta, onde se estabelecia contato com ancestrais e entidades do mundo sobrenatural, num trabalho pela cura do corpo e do espírito (FERREIRA, 2009, p. 85).

Os territórios quilombolas foram formados pelas disputas de poder e assim permanecem ainda hoje. Por definição, o **Território** é uma relação de poder espacializado. Como espaço de disputas políticas, o quilombo está imerso nos conflitos sociais e na dinâmica sociocultural brasileira, carrega a marca da ancestralidade e da modernidade. Possui elementos do passado e do presente, está inserido na contemporaneidade. Assim, é preciso direcionar o olhar do público visitante para compreender que a comunidade de quilombo, embora unida frente às adversidades externas, também é diversidade e não se pode esperar uma uniformidade total na comunidade, pode haver conflitos de gerações, conflitos religiosos, conflitos por espaços, disputas pelo uso da terra, por propriedade, etc.

O turista busca viver uma experiência inédita, viver o que há de específico no lugar, isso torna ainda mais importante o trabalho de Educação Patrimonial com as comunidades como ferramenta para trazer à tona as características singulares da cultura local, as origens e as histórias.

Cada comunidade quilombola é única, passou por um processo histórico de formação diferenciado que se traduziu em características próprias. Desse modo, apresentamos neste caderno pedagógico, alguns elementos da cultura negra que podem ou não ser encontrados nas comunidades quilombolas da forma como foram descritas ou com variações.

Em qualquer situação, é desejável que o profissional do turismo (guias e agentes de informações turísticas) mantenha um olhar atento para a diversidade que há na realidade local; é importante se despir de preconceitos, não julgar a cultura da comunidade receptora, ter o cuidado de não se envolver em quaisquer disputas e divisões internas do grupo e orientar adequadamente os turistas para uma vivência cultural agradável, respeitosa, na qual possam satisfazer suas expectativas e encantar-se com novos conhecimentos sem contudo, transformar o território quilombola em objeto de uso, de consumo.

6. Sintetizando

Estudamos nesse caderno que um quilombo é um território de resistência e luta pela liberdade do povo negro. Vimos que no Espírito Santo os territórios quilombolas se formaram tanto por fugas de negros escravizados quanto por doações de terras e ocupações de áreas livres após a escravidão. Hoje dezenas de comunidades estão em vias de reconhecimento através de processos junto ao INCRA e quatro já se encontram reconhecidas.

Aprendemos que o trabalho de Educação Patrimonial na implantação da atividade turística pode se dar desde a identificação dos atrativos do lugar junto com a comunidade, levantando-se questões que geram reflexões sobre as origens da mesma. Também vimos a importância do compromisso ético-político dos profissionais do turismo com a construção da narrativa sobre a história da comunidade para que o seu discurso seja um veículo de valorização da identidade negra e quilombola.

Por fim, vimos que as comunidades quilombolas são territórios negros onde podem ser encontradas algumas características do patrimônio cultural afrobrasileiro como o Jongo ou Caxambu, o Congo, o Ticumbi, o Candomblé, a Umbanda, dentre outras manifestações culturais, além de uma forma de organização do espaço e uso da terra diferente do sistema capitalista, baseado no sistema familiar, de subsistência, com produção comunitária.

8. Refletindo

Como você contaria a história da escravidão dos povos africanos valorizando a identidade cultural do povo negro?

Se você fosse convidado pela secretaria de cultura da sua cidade para a participar da criação de um roteiro turístico valorizador do patrimônio da cultura afrodescendente, como seria o planejamento para a execução desta proposta? Você pode descrever, desenhar ou esquematizar sua proposta.

9. Referências Bibliográficas

FERREIRA, Simone Raquel Batista. *Donos do lugar: a territorialidade quilombola do Sapê do Norte-ES*. Niterói: [s.n.], 2009.

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. Organização por Osvaldo Martins de Oliveira.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, MariaCelina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambient. soc.*, Campinas nº 10, p. 129-136, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2002000100008 &lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Nov. 2020